

MORFOSSINTAXE VERBAL E NOMINAL DO NHEENGATU DO RIO SOLIMÕES/AM

Raynice Pereira Silva*

 <http://orcid.org/0000-0002-8890-7613>

Como citar este artigo: SILVA, R. P. Morfossintaxe verbal e nominal do Nheengatu do rio Solimões/AM. *Todas as Letras – Revista de Língua e Literatura*, São Paulo, v. 22, n. 1, p. 1-16, jan./abr. 2020. DOI 10.5935/1980-6914/eLETDO2012742

Submissão: agosto de 2019. **Aceite:** fevereiro de 2020.

Resumo: Este artigo apresenta parte dos resultados de pesquisa do projeto Descrição e Documentação das Variedades do Nheengatu do Amazonas, financiado pelo CNPq (processo nº 4825555/2013-0) sobre as variedades dessa língua em três regiões do estado do Amazonas. O objetivo da pesquisa foi descrever o estado atual de uma língua natural em seus aspectos gramaticais nas regiões onde ela ainda é falada. A abordagem teórico-metodológica da pesquisa é a da tipologia linguística para o estudo de línguas indígenas e da pesquisa etnográfica para línguas extremamente ameaçadas de extinção, como é o caso do Nheengatu, língua do tronco Tupi, pertencente à família Tupi-Guarani.

Palavras-chave: Nheengatu. Tupi. Tipologia linguística. Morfossintaxe. Índios-língua.

* Universidade Federal do Amazonas (Ufam), Manaus, AM, Brasil. E-mail: raynicemao@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

Os estudos tipológicos em línguas indígenas representam um ganho teórico e linguístico importante quando se pensa que as línguas indígenas são línguas extremamente ameaçadas de extinção e que muito têm a contribuir para o conhecimento das línguas de um modo geral. Assim, o estudo da estrutura morfossintática da variedade do Nheengatu do Médio e Alto Rio Solimões pretendeu descrever e analisar o estado atual de uma língua natural em suas variedades ainda faladas nas regiões do Amazonas.

Segundo Monte (2000, p. 183), cerca de 400 línguas indígenas são faladas na América Latina; dessas, aproximadamente 50% são faladas no Brasil, principalmente na região amazônica. Apesar dessa grande diversidade linguística, uma análise da distribuição dessas línguas indica uma tendência a poucos falantes por língua, definindo, assim, a situação de minoria linguística de muitos povos. A preocupação com a perda da diversidade linguística e com o processo de descaracterização cultural reflete-se nos estudos de documentação e descrição desse patrimônio no cenário cultural e social brasileiro.

Nesse contexto de conscientização sobre a importância das línguas indígenas, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) instituiu o ano de 2019 como o Ano Internacional das Línguas Indígenas para chamar a atenção mundial sobre a importância da preservação linguística e cultural dessas línguas ao redor do mundo. Segundo dados dessa instituição, e a partir de parâmetros mundiais, línguas com menos de 100 mil falantes são línguas extremamente ameaçadas de extinção. No Brasil, todas as línguas indígenas possuem menos de 40 mil falantes. A grande maioria possui menos de mil pessoas que ainda utilizam a língua indígena de origem e muitas delas já são bilíngues na língua de origem e em português.

O Nheengatu é a variedade moderna da Língua Geral Amazônica (LGA), que teria se desenvolvido a partir do Tupinambá, língua da família Tupi-Guarani do subconjunto III. A pesquisa sobre as variedades de Nheengatu (*nheen* “língua” e *katu* “boa”) objetivou a análise, a descrição e a documentação de uma língua natural em seus aspectos fonológicos e gramaticais, visando mapear seu uso e um maior conhecimento dessa língua na região do Amazonas atualmente. A língua possui falantes em algumas regiões do estado do Amazonas com variados graus de uso, alternando desde comunidades praticamente monolíngues em Nheengatu, como é o caso de comunidades Werekena do rio Xié, na região do Alto Rio Negro, até comunidades em que apenas os mais idosos se lembram dessa língua indígena, como é o caso da comunidade indígena Nova Sateré dos Sateré-Mawé, no rio Sapucaia Grande, afluente do rio Andirá, região do Médio Rio Amazonas e da comunidade Mayoruna, no município de Alvarães, na região do Médio Rio Solimões.

Este artigo apresenta parte da descrição e da documentação da variedade do Nheengatu ainda falado na região do Médio e Alto Rio Solimões/AM. Sobre os falantes de Nheengatu nessa região, sabe-se que ainda há alguns indígenas de diversas etnias que falam essa variedade; em geral, os mais idosos do grupo. Na pesquisa sociolinguística de diagnóstico dessa região, constatou-se que indígenas das etnias Mayoruna, Miranha, Kokama, Kambeba e Kayxana falam Nheengatu, mas falam também português ou a língua indígena. No caso dos Miranha, nos seus usos diários de comunicação usam o português e muito raramente o

Nheengatu, mesmo os mais idosos. Pelos relatos, é possível verificar várias situações de substituição. Um exemplo é o caso dos Mayoruna, que substituíram sua língua materna – a língua Mayoruna – pelo Nheengatu e, posteriormente, perderam o Nheengatu – atualmente só falam português na aldeia Marajá, local da pesquisa. É interessante notar, no entanto, que existem projetos dos professores indígenas Mayoruna de resgate do Nheengatu para ser utilizado na escola como língua indígena e não do Mayoruna, língua nativa do grupo.

O Nheengatu é uma língua de grande importância histórico-cultural para o país e para o Amazonas em particular. O mapeamento atual das variedades da língua Nheengatu nas regiões do Alto Rio Negro, do Médio e Alto Rio Solimões e do Médio Rio Amazonas tem importância social e científica. Em termos sociais, pode-se citar o fato de que povos que não falam mais suas línguas originárias buscam no Nheengatu uma identidade indígena importante na construção de sua cidadania. A importância científica está relacionada ao fato de essa língua ter sido a mais utilizada na região Norte do país, até o início do século passado, até mesmo mais que a língua portuguesa. Como bem demonstrado por Bessa Freire (2004) e Rodrigues (1996), em seu processo de expansão pela região amazônica, as variedades de Nheengatu eram usadas até mesmo mais que muitas outras línguas indígenas.

OS ESTUDOS DE TIPOLOGIA LINGÜÍSTICA PARA A DOCUMENTAÇÃO DE LÍNGUAS INDÍGENAS – ASPECTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS PARA A PESQUISA ETNOGRÁFICA

Segundo Song (2001, p. 1), são estimadas aproximadamente de quatro a seis mil línguas no mundo. Considerando as distinções entre línguas e dialetos, esse total pode subir para sete mil línguas, aproximadamente. Tem-se, assim, uma noção da grande diversidade de línguas existentes ao redor do mundo todo.

Para os estudos em tipologia linguística é importante reconhecer que, apesar das diferenças externas, há padrões estruturais subjacentes que determinam um princípio nos fenômenos linguísticos. Segundo Maia (2006, p. 179), “a discussão sobre a possibilidade de se estabelecerem tipos, regras gerais, universais é, na verdade, bastante antiga, estando na base do conhecimento humano”. Dessa forma, a abordagem tipológica para os estudos em linguagem atende a essa necessidade de classificação para o conhecimento dos padrões subjacentes das estruturas das línguas.

Os estudiosos apontam que os estudos tipológicos são realizados em diferentes áreas de conhecimento, como em Teologia e em Arqueologia, para a avaliação das semelhanças formais entre artefatos de diferentes sítios com evidência de filiação cultural (GREENBERG, 1973, p. 151). Lehmann (1978 *apud* MAIA, 2006, p. 179) faz uma observação semelhante quando afirma que em qualquer disciplina a análise tipológica deve ser feita menos em termos de observar o objeto em si e mais em função da abrangência e da qualidade dos dados apresentados.

Para Maia (2006), os estudos em tipologia se aproximariam de uma metodologia científica de investigação que está envolvida na caracterização e, conseqüentemente, classificação adequada das similaridades estruturais de padrões subjacentes entre os fenômenos que acontecem nas línguas do mundo. O autor ainda leva em consideração o alerta de Lehmann quando diferencia tipologia de

taxonomia, sendo essa última, para os autores, um tipo de classificação fundamentada em características externas, ao passo que a investigação tipológica baseia-se em princípios e padrões mais centrais.

Os estudos em tipologia linguística vêm de uma proposta de investigação de natureza basicamente classificatória, notadamente no século XIX, quando, a partir da estrutura dos vocábulos, houve a classificação das línguas em: línguas isolantes, línguas aglutinantes e línguas flexionais. Segundo Maia (2006, p. 180), esse enfoque classificatório intermediário predominou nos estudos sobre tipologia linguística durante um longo período. Somente a partir do estruturalismo, com a proposta dos estudos dos universais de Greenberg (1973), é que os estudos em tipologia tomaram um novo enfoque que passou a verificar o que havia de comum e o que havia de singular nas línguas que as caracterizavam geneticamente. Comrie (1981, p. 34) observa: “o estudo dos universais está centrado nas similaridades entre as línguas e os estudos tipológicos ocupam-se das diferenças entre as línguas”. Apesar das diferenças, as duas linhas de pesquisa se complementam, uma vez que ambas investigam a variação entre as línguas.

Os estudos tipológicos têm contribuído para além dos estudos universais. Seki (1990, p. 47-49) aponta as diversas teorias linguísticas que têm sido beneficiadas pelos estudos tipológicos nas línguas, principalmente nas indígenas e nas aborígenes. Fenômenos como ordem vocabular, marcação de caso, aumento e redução de valência verbal são aspectos das línguas em que os estudos tipológicos atuam, tendo em vista que esse tipo de investigação abrange os quatro níveis básicos de análise da organização dos sistemas linguísticos: o fonológico, o morfológico, o sintático e o semântico (MAIA, 2006, p. 181).

Nesse sentido, a tipologia linguística foi o enfoque teórico escolhido para as análises linguísticas sobre os processos morfossintáticos do verbo do Nheengatu (Tupi-Guarani) na variedade do Médio e Alto Rio Solimões, no Amazonas, apresentadas neste artigo e que, como dito anteriormente, são parte do projeto da pesquisa Descrição e Documentação das Variedades do Nheengatu no Amazonas. A partir desse modelo teórico foi constituído um banco de dados da língua como um dos principais resultados do projeto, considerando as três variedades pesquisadas. Os dados coletados e que compõem o projeto permitem a análise de processos fonéticos, fonológicos e gramaticais do Nheengatu, além de permitir a documentação do estado atual dessa língua tão representativa para o Amazonas em seus aspectos linguísticos e históricos.

No projeto, a metodologia da pesquisa foi de base etnográfica e se deu em dois momentos distintos e complementares entre si. Primeiro foram feitos trabalhos de campo para coleta e transcrição fonológica dos dados coletados. É importante frisar que a coleta se completa com a comprovação dos dados. Nesse sentido foram realizadas viagens a campo para coleta e comprovação dos dados durante a vigência do projeto. Para a região do Médio e Alto Rio Solimões/AM foram realizadas duas coletas – a primeira em 2015 e a outra em 2016 – para comprovação dos dados já coletados. Nessa região, devido ao baixo grau de proficiência dos colaboradores e por ser a língua pouco usada, na maioria por pessoas já idosas, foi necessária a busca de novos colaboradores em área urbana, na cidade de Tefê, no Amazonas. A coleta de dados envolveu registro de expressões orais, tais como: conversas informais, diálogos entre os poucos falantes sobre temas livres, textos narrativos e procedurais, além de dados elicitados. Para esse último, foram aplicados os questionários apresentados nos formulários

padrão do Museu Nacional do Rio de Janeiro (1965) e os questionários lexicais e gramaticais de Kaufman e Berlin (1987).

A coleta de dados linguísticos seguiu as recomendações presentes nos trabalhos de Payne (1997) e Kibrik (1977). A fim de facilitar a comparação dos resultados entre as variedades, dados disponibilizados por Cruz (2011) sobre a variedade do rio Negro foram utilizados como base para elicitación, tanto fonológica quanto gramatical, nas duas outras variedades pesquisadas.

Dados do relatório de pesquisa observam que a região do Médio e Alto Rio Solimões é onde mais houve perda linguística do Nheengatu (SILVA, 2017a, p. 91). Dessa forma, a documentação e descrição dessa variedade da língua não só registra o estado atual da língua nessa região, como também representa um ganho linguístico significativo, tendo em vista a crescente perda dessa variedade que é usada por poucos falantes, todos já com mais de 60 anos.

MORFOSSINTAXE DO VERBO E DO NOME DA VARIEDADE DO NHEENGATU DO MÉDIO E ALTO RIO SOLIMÕES/AM

A análise morfofossintática da variedade do Nheengatu do Médio e Alto Rio Solimões pretendeu verificar quais propriedades, presentes na variedade do Alto Rio Negro, permanecem ou quais já se perderam nessa variante da língua. Tomando como ponto de partida o trabalho de Cruz (2011) para a variedade do Alto Rio Negro, observa-se que o Nheengatu que ainda é falado na região do Médio e Alto Rio Solimões em grande parte já se perdeu. São poucos os falantes encontrados e, com pouca ou média fluência na língua, nenhum dos falantes que participaram da pesquisa usa a língua cotidianamente. Em contexto diário, a língua que predomina nessa região é a língua portuguesa.

Partindo do pressuposto de que as línguas apresentam diferentes estratégias morfológicas e sintáticas para expressar ações e estados, de modo geral, o verbo é o componente gramatical responsável por essas expressões. Nesse sentido, o estudo da estrutura morfológica e argumental dos verbos em Nheengatu pretendeu verificar como ocorrem essas estratégias nessa língua. Em algumas línguas o sistema adotado para a expressão de ação é diferente das estratégias para expressar estados. Isso pode acontecer por fatores que vão desde questões culturais, como a forma pela qual cada língua expressa sua maneira de ver o mundo até questões como o contato entre línguas, mudanças linguísticas, entre outras.

A tipologia morfológica dos verbos em Nheengatu pode ser caracterizada como do tipo ativa-estativa. Segundo Seki (1990, p. 327), “o determinante semântico de línguas ativas é uma oposição entre princípios ativos e inativos, a qual se manifesta em diferentes níveis da estrutura linguística”. Em Nheengatu, além da divisão entre verbos transitivos e intransitivos, há uma cisão entre os intransitivos considerados intransitivos ativos e intransitivos inativos. Isso é demonstrado pela presença de duas classes de marcadores de pessoa no verbo. Uma codifica o sujeito ativo e a outra codifica o sujeito inativo.

O Nheengatu é uma língua tipologicamente marcada pela morfologia flexional, predominantemente prefixal baseada fundamentalmente em marcação de pessoa e processos de reduplicação da base verbal. Na morfologia derivacional possui afixos que podem ocasionar mudança de classe, aumento e redução de valência verbal.

Em relação à classe dos nomes, o Nheengatu apresenta marcadores de pessoa que caracterizam posse da série inativa para nomes relativos e nomes autônomos. A tipologia sintática de ordem dos constituintes da oração é predominantemente do tipo SVO.

A partir dos estudos de Cruz (2011, p. 128) sobre o Nheengatu, temos que tipologicamente as orações prototípicas transitivas são aquelas em que um sujeito animado e intencional afeta um objeto paciente, que muda de estado ou de localização. Verbos têm a função primária de predicar, tendo em Nheengatu a possibilidade de o radical verbal ser nominalizado.

Os marcadores de pessoa no verbo, também considerados índices de pessoa por Cruz (2011), são relacionados como índices de pessoa da série dinâmica e da série estativa, conforme Quadro 1.

Quadro 1 – Marcadores de pessoa no verbo em Nheengatu

	Estativo	Dinâmico
1ª pessoa singular (1 sg)	se-	a-
2ª pessoa singular (2 sg)	ne-	re-
3ª pessoa singular (3 sg)	i- ~ s-	u-
1ª pessoa plural (1 pl)	yane-	ya-
2ª pessoa plural (2 pl)	pe-	pe-
3ª pessoa plural (3 pl)	ta-	tau- ~ ta- ~ tu-

Fonte: Adaptado de Cruz (2011, p. 132).

Como se observa, os prefixos da segunda pessoa do plural (2 pl) são idênticos. Cruz (2011, p. 132) observa que o Nheengatu Moderno difere tipologicamente do Tupinambá pela perda da distinção entre as primeiras pessoas do plural inclusiva e exclusiva, comum nas línguas do tronco linguístico Tupi, como o Saterê-Mawé (SILVA, 2017b) e Kamaiurá (SEKI, 2000). Assim, Cruz (2011, p. 133) considera que “o Nheengatu se distingue também do Tupinambá por indicar uma terceira pessoa plural nas duas séries”.

Nos dados de que dispomos da variante do Médio e Alto Rio Solimões, não encontramos paradigmas da série estativa (inativa). O paradigma a seguir se refere aos índices marcadores de pessoa da série dinâmica (ativa). Contudo, observamos algumas diferenças nos marcadores de pessoa.

kiri “dormir”

1ª SG a-kiri
 2ª SG re-kiri
 3ª SG u-kiri
 1ª PL ya-kiri
 2ª PL pe-kiri
 3ª PL pe-kiri

yana “correr”

1ª SG a-yana
 2ª SG re-yana

3 ^a SG	u-yana
1 ^a PL	ya-yana
2 ^a PL	pe-yana
3 ^a PL	pe-yana

Conforme se observa, o índice de pessoa da 2^a PL e 3^a PL é o mesmo. Até mesmo o verbo *-kiri* “dormir”, que é normalmente classificado nas línguas do tronco Tupi como estativo (inativo), recebe índice de pessoa da série dinâmica (ativa) nessa variedade. Como hipótese, podemos considerar que essa variedade não distingue semanticamente as pessoas do plural “vós/vocês” e “eles”. Observa-se, também, que pode ter havido a perda da distinção de dinamicidade nessa variante. A marcação de pessoa na base verbal é prefixal, como na maioria das línguas do tronco e, mais especificamente, da família Tupi-Guarani.

Quanto à estrutura argumental da língua, verbos transitivos em Nheengatu ocupam posição de núcleo da oração transitiva e ocorrem com marcadores de pessoa que codificam o sujeito (S) e/ou o objeto (O). Quando há marcação do sujeito participante codificado por marcadores no verbo há também concordância entre esses marcadores e o sujeito expresso por nome e pronome.

ae u-supiri makira
3SG 3SG-pendurar rede
“ela pendurou a rede”

ixe a-maã kunhã u-ri a-suixinga
1SG 1SG-ver mulher 3SG-uir 3SG-ADV
“eu vi a mulher que veio mais tarde”

O verbo transitivo admite marcadores e pessoa da série ativa e inativa, conforme paradigmas para os verbos *-ganai* “enganar” e *-mbue* “ensinar” relacionados a seguir:

-ganai “enganar”
ixe a-ganai ae
1SG 1SG-enganar 3SG
“eu engano ele”

inde re-ganai ae
2SG 2SG-enganar 3SG
“tu enganas ele”

ae u-ganai ae
3SG 3SG-enganar 3SG
“ele engana ele”

yande ya-ganai ae
1PL 1PL-enganar 3SG
“nós enganamos ele”

penhe en-ganai ae
2PL 2PL-enganar 3SG
“vocês enganam ele”

enta i-nganai ae
3PL 3PL-enganar 3SG
“eles enganam ele”

mbue “ensinar”
 ixé a-mbue ae
 1SG 1SG-ensinar 3SG
 “eu ensino ele”

inde re-mbue ae
 2SG 2SG-ensinar 3SG
 “tu ensinas ele”

ae u-mbue ae
 3SG 3SG-ensinar 3SG
 “ele ensina ele”

yande ya-mbue ae
 1PL 1PL-ensinar 3SG
 “nós ensinamos ele”

penhe u-mbue ae
 2PL 2PL-ensinar 3SG
 “vocês ensinam ele”

enta u-mbue ae
 3PL 3PL-ensinar 3SG
 “eles ensinam ele”

A tipologia morfológica para marcação de caso nos verbos transitivos em Nheengatu é invariavelmente a pessoa que ocupa a função de sujeito (S), como acontece com outras línguas da família Tupi-Guarani (SEKI, 2000; BORGES, 2006). Não foram encontrados exemplos de marcadores de pessoa no verbo cuja função fosse de objeto (O). No paradigma apresentado nos exemplos anteriores, é possível verificar essa ocorrência, que é completada na verificação feita a seguir, tendo a terceira pessoa do singular na função de sujeito (S) para o verbo transitivo *-ganai* “enganar”.

ae u-ganai ixé
 3SG 3SG-enganar 1SG
 “ele engana a mim”

ae u-ganai inde
 3SG 3SG-enganar 2SG
 “ele engana a ti”

ae u-ganai inde
 3SG 3SG-enganar 3SG
 “ele engana a ele”

ae u-ganai yande
 3SG 3SG-enganar 1PL
 “ele nos engana”

ae u-ganai penhe
 3SG 3SG-enganar 2PL
 “ele engana vocês”

ae u-ganai enta
 3SG 3SG-enganar 2PL
 “ele engana eles”

É possível verificar nos exemplos acima a ocorrência das formas pronominais livres na posição de objeto (O). Ainda sobre a ocorrência de pronomes livres nessa variedade do Nheengatu, observa-se que o pronome *inde* “3SG” ocorre tanto para a 2SG quanto para a 3SG, nos exemplos citados. Esse resultado corrobora a hipótese inicial de que a distinção semântica entre as segundas e terceiras pessoas, tanto do singular quanto do plural, parece estar em processo de perda linguística.

Em verbos intransitivos inativos, o sujeito é marcado por pronome livre ou manifestado lexicalmente.

pusanga puranga
remédio ser bom
“o remédio é bom”

Os dados de que dispomos para essa variedade do Nheengatu não são conclusivos para averiguar uma possível manutenção da hierarquia de pessoa, encontrada na tipologia das línguas da família Tupi-Guarani, como o Tupinambá. Acredita-se que pelo estado atual da língua na região do rio Solimões, a hierarquia de pessoa seja equivalente ao que já ocorre na variedade do rio Negro, conforme exemplos a seguir:

ixe a-ma inde
1SG 1SG-ver 2SG
“eu vejo você”

inde u-ma ixé
3SG 3SG-ver 1SG
“ele viu você”

ixe a-saru inde
1SG 1SG-esperar 2SG
“eu espero você”

inde re-saru ixé
3SG 3SG-esperar 1SG
“você me espera”

ae u-saru ae
3SG 3SG-esperar 3SG
“ele espera ela”

Outra questão a ser tratada diz respeito a uma possível manutenção da distinção entre primeira pessoa inclusiva e exclusiva, também encontrada na tipológica morfológica das línguas da família Tupi-Guarani. Pelos dados é possível observar que não houve manutenção dessa distinção, como se observa nos paradigmas verbais apresentados acima para os verbos *-ganai* “enganar” e *-mbue* “ensinar”. Nossa conclusão é que nessa variedade a distinção entre primeira pessoa inclusiva e exclusiva não acontece, o que também foi observado por Cruz (2011, p. 132) para as variedades do rio Negro e do rio Içana, e por Silva (2017a, p. 76) para a variedade do Xié, este último como parte do relatório final de pesquisa. Essa perda da distinção entre primeira pessoa do plural inclusiva e exclusiva também foi observada nos dados preliminares analisados por Silva (2017a, p. 87)

para a variedade do rio Amazonas no relatório final de pesquisa. Dessa forma, pode-se concluir que, nas três variedades do Nheengatu pesquisadas não há mais a distinção entre as primeiras pessoas inclusiva e exclusiva.

Na variante do Nheengatu dessa região, processos derivativos de redução e aumento de valência verbal também não apresentam dados conclusivos. Os dados coletados evidenciam a ocorrência do morfema *-yu-* “reflexivo/recíproco”, mas os dados sobre a ocorrência do morfema *-mu-* “causativo” alternam com a marcação pronominal. São exemplos:

Eraldo u-sasé
Eraldo 3SG-gritar
“Eraldo gritou”

buja u-mu-sesé ae
cobra 3SG-CAUS-gritar 3SG
“a cobra o fez gritar”

ixe a-sesé ae
1SG 1SG-gritar 3SG
“eu fiz ele gritar”

yawara i-yu-museri
cachorro 3SG-REF/REC-lamber
“o cachorro se lambeu”

iande ti=ya-yu-mbue katu
1PL NEG=1PL-REF/REC-ensinar bem/bom
“nós não estamos estudando direito”

Processos de reduplicação não foram observados nos dados. Percebe-se assim que o estado de perda da língua para os falantes dessa região já está bem avançado. Dessa forma, considerando que grande parte das informações dessa variedade está no nível lexical de análise, avalia-se que a variedade do Nheengatu da região do Médio e Alto Rio Solimões está em franco processo de desaparecimento. Seguimos a análise apresentando dados referentes à tipologia nominal dessa variedade.

Em Nheengatu, a classe dos nomes é estabelecida a partir de critérios morfossintáticos tendo em vista que, como itens lexicais, fazem referência semântica a entidades do mundo exterior. Payne (1997, p. 33), a partir da definição de Givón (1990, p. 74), aponta que a classe dos nomes em qualquer língua inclui palavras prototípicas que expressam conceitos temporalmente estáveis.

Seki (2000, p. 54-55), para a classificação dos nomes em Kamaiurá, uma língua também da família Tupi-Guarani, considera que a tipologia morfológica dos nomes na língua é feita por morfemas marcadores casuais (de caso) e por propriedades morfológicas como posse, por exemplo. A partir dessa categoria e, também, de critérios morfossintáticos, tais como o fato de serem núcleo do sintagma nominal, diferencia nomes inalienavelmente possuídos, nomes alienavelmente possuídos e nomes não possuídos. Assim, para nomes inalienavelmente possuídos, considera a presença de prefixos relacionais como obrigatória, que distingue o tipo de posse em Kamaiurá.

Cruz (2011), para a variedade do Nheengatu do Alto Rio Negro, subdivide os nomes em substantivos e dêiticos. Para os nomes substantivos há ainda a sub-

classificação entre nomes relativos e nomes autônomos. Nomes relativos são aqueles que exercem a função argumental de predicado verbal e que “constituem, *grosso modo*, relações tratadas na literatura etnográfica como inalienáveis: partes do corpo, parentesco, parte-todo etc.” (CRUZ, 2011, p. 151).

Na análise da variedade do Nheengatu do Médio e Alto Rio Solimões opta-se pela terminologia etnográfica de nomes como alienáveis quando não há relação de posse estabelecida e nomes inalienáveis quando a relação de posse está estabelecida, mesmo que não haja a presença de elementos relacionais, como ocorre no Kamaiurá (SEKI, 2000). Além da relação de posse, utiliza-se como critério morfosintático para a definição dessa categoria a posição de núcleo do sintagma nominal na estrutura oracional da língua.

Dessa forma, para a classe dos nomes dessa variedade da língua, observa-se que a tipologia morfológica é feita a partir da marcação de pessoa nos nomes conforme paradigma de nomes apresentados abaixo para nomes alienáveis, tais como *oka* “casa”, e para nomes inalienáveis, como *-kupe* “costa” (parte do corpo):

Nomes alienáveis: *oka* (~*uka*) “casa”

1 SG	<i>se-ruka</i>	“minha casa”
2 SG	<i>ne-ruka</i>	“tua casa”
3 SG	<i>i-roka</i>	“casa dele”
1 PL	<i>yane-roka</i>	“nossa casa”
2 PL	<i>pe-oka</i>	“casa de vocês”
3 PL	<i>ta-oka</i>	“casa deles”

Nomes inalienáveis: *-kupe* “costa” (parte do corpo)

1 SG	<i>se-kupe</i>	“minha costa”
2 SG	<i>ne-kupe</i>	“tua costa”
3 SG	<i>i-kupe</i>	“costa dele”
1 PL	<i>yane-kupe</i>	“nossa costa”
2 PL	<i>pe-kupe</i>	“costa de vocês”
3 PL	<i>ta-kupe</i>	“costa deles”

Segundo Cruz (2011, p. 200), na variante do Alto Rio Negro há uma cisão no sistema de marcação de dativo entre dativo intralocutivo e dativo extralocutivo. O primeiro é marcado morfológicamente pela partícula *arã* e o segundo pela posposição *supe*. Semanticamente, significam Beneficiário e Recipiente.

Na variedade do rio Solimões, observa-se que a cisão se mantém. Nos únicos dados de que dispomos e que são apresentados a seguir parece haver tal ocorrência.

pusanga u-muiam kunhã supe
remédio 3SG-curar mulher POSP:DAT
“o remédio curou a mulher”

re-rui ii ix= arã
2SG-trazer água 1SG=FINAL
“você traga água para mim”

A categoria gramatical de número na variedade do rio Solimões pode ser comprovada através dos dados. Como afirma Cruz (2011, p. 269), há também, nessa variedade, a manutenção de uma forma considerada mais conservadora do

pronome de terceira pessoa do plural (3 PL); nos dados de Cruz, aparece a forma *aita* “3 PL”; nos dados do rio Solimões, a forma é *enta* “3 PL”:

ixe a-man kunhã aita u-sika kuese
1SG 1SG-ver mulher 3PL 3SG-chegar ADV
“eu vi as mulheres que chegaram ontem”

enta enta-mike kaa ape
3PL 3PL-embrenhar mata LOC
“os caçadores se embrenharam pela mata”

Alguns processos derivativos foram encontrados na variedade do rio Solimões. Segundo Cruz (2011, p. 241), para a variedade do Alto Rio Negro, considera-se que os processos derivacionais na lexicogênese nominal se dão de forma endocêntrica e exocêntrica, em casos em que o processo derivativo é combinado com classes de palavras que geram necessariamente um nome e, conseqüentemente, aumento do léxico, como o sufixo *-wara*, nos exemplos a seguir. Dessa forma, tais sufixos seriam classificados como “derivador de nomes de procedência” que se combina com nomes, advérbios e posições.

mirapara kuxima-wara
o arco antigamente-DNP
“o arco é velho (muito antigo)”

se-mirapara kuxima-wara
1SG-arco antigamente-DNP
“meu arco é velho (muito antigo)”

Segundo Cruz (2011, p. 242), os morfemas *miri* “diminutivo” e *wasu* “aumentativo” permitem criar novos nomes a partir de bases nominais. O morfema *miri* pode ocorrer também com verbos, contudo, na variante do Alto Rio Negro está em desuso, sendo substituído pela partícula *xinga* “atenuativo” (CRUZ, 2011, p. 244). Na variante do Solimões, encontramos o uso dos derivativos, mas não casos de ocorrência da partícula *xinga*.

buja-wasu
cobra-AUM
“cobra grande”

buja-miri
cobra-miri
“cobra pequena”

wira-miri kuaira
pássaro-DIM pequeno
“passarinho”

A composição nominal, considerada por Cruz (2011, p. 255) um processo derivativo na lexicogênese nominal, também foi observada na variante do rio Solimões, conforme exemplos a seguir:

ijawara murutinga
“cachorro branco”

ijawara pinima
 “cachorro pintado” (malhado)

ijawara piranga
 “cachorro vermelho” (de pelagem avermelhada)

A tipologia linguística da ordem vocabular do Nheengatu nas três variedades é predominantemente SVO em predicados verbais transitivos e SV com verbos intransitivos. São exemplos:

ixe a-puta ii
 1SG 1SG-pedir água
 “eu pedi água”

Valda u-mbau manga
 Valda 3SG-comer manga
 “Valda comeu manga”

kunhã u-kiri
 mulher 3SG-dormir
 “a mulher dormiu”

inhaã u-kiru
 DEM_{DIST} 3SG-dormir
 “aquele que dorme”

Para a variedade do Nheengatu do Alto Rio Negro, Cruz (2011, p. 571) observa que é possível certa flexibilidade, principalmente para construções de orações que a autora considera equativas, conceituando esse tipo de orações como aquelas que apresentam equivalência entre as duas formas de se referir a uma mesma entidade (p. 467). Para a variedade do Nheengatu do Médio e Alto Rio Solimões não foram encontrados registros desse tipo de construção. A hipótese é que, devido ao contato com a língua portuguesa dessa variedade, é possível que já tenha se perdido.

Da mesma forma, para construções nominais, Cruz (2011, p. 522) observa que há distinção para as construções equativas nominais que a diferenciam das orações adverbiais para a variedade do Alto Rio Negro. No caso da variedade do rio Solimões, ocorre que predicados não verbais possuem ordem dos constituintes, tendo como orientação a tipologia de orações SVO, prototípica da língua que se realiza conforme os exemplos a seguir:

i-awa pixuna
 3SG-cabelo preto
 “o cabelo é preto”

se-mena kirimba
 1SG-marido ser forte
 “meu marido é forte”

Uma última consideração sobre a ordem vocabular em Nheengatu – considerando a tipologia das duas variedades da língua – é que para a variedade do Alto Rio Negro, Cruz (2011, p. 523) analisa que a língua é do tipo que tem predominância de tópico, considerando a proposta tipológica de Li e Thompson

(1975 *apud* CRUZ, 2011, p. 523), já que há inversão de ordem oracional entre orações inclusivas e equativas para essa variedade, que inclusive as difere sintaticamente. Já para a variedade do rio Solimões considera-se que essa distinção não mais existe, tendo em vista o estado avançado de perda e substituição linguística de algumas estruturas por padrões estruturais da língua portuguesa.

CONCLUSÃO

A documentação morfossintática da variedade do Nheengatu do Médio e Alto Rio Solimões, apresentada neste artigo, é parte dos resultados de pesquisa do projeto Documentação e Descrição das Variedades do Nheengatu no Amazonas, financiado pelo CNPq, no período de 2013 a 2017. O projeto objetivou documentar e descrever em seus aspectos fonológicos e gramaticais o estado atual dessa língua tão importante social e cientificamente para o país e para o Amazonas em particular.

Para as análises dos fenômenos da língua, utilizou-se a abordagem teórica da tipologia linguística e, como metodologia, optou-se pela pesquisa etnográfica para línguas extremamente ameaçadas de extinção, como é o caso do Nheengatu como uma língua natural falada na região amazônica.

A partir da tipologia linguística fez-se o estudo da morfossintaxe verbal e nominal dessa variedade da língua que evidenciou algumas diferenças dialetais entre as variedades estudadas. Assim, para a variedade do rio Solimões, observa-se um estágio avançado de perda linguística se comparado com a variedade do Alto Rio Negro, apresentado por Cruz (2011). Fenômenos como a distinção entre as primeiras pessoas inclusivas e exclusivas, processos de reduplicação da base verbal e alternância de ordem vocabular para construções equativas já não mais observados nessa variedade. A tipologia morfológica do Nheengatu é do tipo ativa-estativa, com diferentes oposições entre princípios ativos e inativos. Pela tipologia, nessas línguas, além da divisão de transitividade em sentenças transitivas e sentenças intransitivas, há cisão entre as sentenças intransitivas consideradas, pelo grau de transitividade, como intransitivas ativas e intransitivas inativas. O Nheengatu possui morfologia flexional baseada fundamentalmente em marcação de pessoa feitas através de prefixos no nome e no verbo e processos derivativos que ocasionam mudança de classe. A ordem das orações transitivas é do tipo SVO e das intransitivas, SV. Outro aspecto estudado diz respeito ao sistema de cisão do dativo em dativo intralocutivo (marca primeira e segunda pessoas) e dativo extralocutivo (marca terceira pessoa). Em todas as variedades foi verificado que o sistema de cisão permanece.

A pesquisa com línguas indígenas é gratificante à medida que nos permite estudar, por meio da linguagem, todo um conhecimento de mundo que uma cultura apresenta. No caso do Nheengatu, língua intrinsecamente ligada à história da região amazônica, espera-se contribuir para que esse conhecimento não se perca e que a descrição e a documentação de suas variedades sirvam de ponto de partida e/ou de chegada para um maior conhecimento das línguas indígenas brasileiras.

VERBAL AND NOMINAL MORPHOSYNTAX OF THE NHEENGATU LANGUAGE IN SOLIMÕES RIVER/AM

Abstract: This paper presents part of the research results from the project Description and Documentation of Varieties of Nheengatu do Amazonas by CNPq (process n° 4825555 / 2013-0) about varieties of this language in three regions of the state of Amazonas. The aim of the research was to describe the current state of a natural language in its grammatical aspects in the regions where it is still spoken. The theoretical-methodological approach of the research is that of linguistic typology for the study of indigenous languages and ethnographic research for extremely endangered languages, such as Nheengatu, Tupi language, belonging to the Tupi-Guarani family.

Keywords: Nheengatu. Tupi. Linguistic typology. Morphosyntax. Indios language

REFERÊNCIAS

- BESSA FREIRE, J. R. *Rio Babel: a história das línguas na Amazônia*. Rio de Janeiro: Atlântica, 2004.
- BORGES, M. V. *Aspectos fonológicos e morfossintáticos da língua Ava-Canoeiro (Tupi-Guarani)*. 2006. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.
- COMRIE, B. *Language universals & Linguistic typology*. Chicago: Chicago University Press, 1981.
- CRUZ, A. *Fonologia e gramática do Nheengatú: a língua geral falada pelos povos Baré, Warekena e Baniwa*. Utrecht: LOT, 2011.
- GIVÓN, T. *Syntax*. A functional typology introduction. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1990. v. I e II.
- GREENBERG, J. H. The typologic method. In: SEBEOK, T. A. (ed.). *Diachronic, areal, and typological linguistic*. The Hague; Paris: Mouton, 1973. v. 11, p. 149-151.
- KAUFMAN, T.; BERLIN, B. *South American Indian language documentation project questionnaire*. University of Pittsburgh; University of California, 1987.
- KIBRIK, A. E. *The methodology of field investigations in linguistic: setting up the Problem*. The Hague; Paris: Mouton, 1977.
- MAIA, M. *Manual de linguística: subsídios para formação de professores indígenas na área de linguagem*. Brasília: Ministério da Educação, 2006.
- MONTE, N. L. Práticas e direitos: as línguas indígenas no Brasil. In: QUEIXALÓS, F.; RENAULT-LESCURE, O. (org.). *As línguas amazônicas hoje*. São Paulo: Instituto Socioambiental (ISA)/IRD/MPEG, 2000. p. 183-192.
- MUSEU NACIONAL DO RIO DE JANEIRO. Setor Linguístico do Museu Nacional. (Organização e Objetivos). *Publicações Avulsas*. Rio de Janeiro, 1965.
- PAYNE, T. E. *Describing morphosyntax*. A guide for field linguistic. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- RODRIGUES, A. D. As línguas gerais sul-americanas. *Papia – Revista de Crioulos de Base Ibérica*, v. 4, n. 2, p. 6-18, 1996.

SEKI, L. Kamaiura (Tupi-Guarani) as an active-stative language. In: PAYNE, D. *Amazonian linguistics: studies in Lowland South American languages*. Austin: University of Texas Press, 1990. p. 367-392.

SEKI, L. *Gramática do Kamaiurá: língua tupi-guarani do Alto Xingu*. Campinas; São Paulo: Editora da Unicamp; Imprensa Oficial, 2000.

SILVA, R. G. P. *Documentação e descrição das variedades do Nheengatu no Amazonas*. Manaus: CNPq, 2017a. Projeto nº 4825555/2013-0. Mimeo.

SILVA, R. G. P. *Estudos morfossintáticos em Sateré-Mawé (Tupi)*. Curitiba: Editora CRV, 2017b.

SONG, J. J. *Linguistic typology morphology and syntax*. Edinburgh: British Library, 2001.